

# Gestão do conhecimento científico no contexto das bibliotecas universitárias

EMEIDE NÓBREGA DUARTE  
SIMONE BASTOS PAIVA  
ALZIRA KARLA ARAÚJO DA SILVA

## R E S U M O

A sociedade contemporânea tornou os recursos informacionais – informação e conhecimento – primordiais na realização da maioria das atividades humanas. As bibliotecas universitárias, que desempenham relevante papel no processo de ensino-aprendizagem, são fontes de informação e conhecimento, por excelência. Contudo, devido ao crescente volume de conhecimento científico, é necessária a utilização de novas práticas de gestão, buscando um melhor aproveitamento do patrimônio intelectual pelos usuários. Este estudo teórico discute a aplicação de um modelo conceitual para a gestão do conhecimento científico, tomando-se por base um modelo de gestão do conhecimento organizacional. Intui-se que essa prática contribui para ganhos acadêmicos e institucionais.

## A B S T R A C T

In the contemporary society, centered in the information and the knowledge, these had become primordial in the accomplishment of the majority of human beings activities. The university libraries, that play excellent role in the teach-learning process, are sources of information and knowledge, par excellence. However, due to the increasing volume of scientific knowledge, the use of new management practices searching a better exploitation of the intellectual patrimony is necessary. This theoretical study debates the application of a conceptual model for the management of the scientific knowledge, being overcome as a base model of management of the organizational knowledge. It aims that this practice contributes for academic and institutional profits.

## PALAVRAS-CHAVE

GESTÃO DO CONHECIMENTO    CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL  
CONHECIMENTO CIENTÍFICO    BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA.



## INTRODUÇÃO

O uso intensivo da informação e do conhecimento tem impactado fortemente as organizações, tornando-se preocupação não apenas no campo empresarial, como também nas demais formas de organização. Essa nova realidade tem sinalizado para o entendimento de que o conhecimento deve ser gerenciado, propiciando o surgimento de modelos de gestão baseados no conhecimento. Esses modelos correspondem a uma série de ações que buscam coordenar desde os processos de geração até a utilização do conhecimento, passando pelo seu armazenamento e compartilhamento entre os indivíduos.

As organizações passam a adotar modelos de Gestão do Conhecimento (GC), visando apoiar os processos de conhecimento, como o objetivo de obter resultados corporativos favoráveis. Alguns autores acreditam que isso é apropriação da inteligência dos indivíduos. No entanto, uma cultura voltada para o compartilhamento do conhecimento beneficia a todos, uma vez que a socialização possibilita também o acesso a novos conhecimentos gerados por outros indivíduos.

No ambiente universitário, coexistem várias modalidades de conhecimento organizacional acerca de pessoas, finanças, *marketing*, planejamento, operações e outras atividades, que podem (ou não) ser científicos, sendo que esse conhecimento – científico – representa um dos principais produtos acadêmicos e, portanto, uma categoria diferenciada que requer uma atenção especial. No entanto, até o momento, são raras as iniciativas de Gestão do Conhecimento Científico (GCC) no ambiente acadêmico. Considerando que as funções da universidade giram em torno da produção de conhecimento científico, resultante de atividades de ensino e pesquisa (LEITE; COSTA 2005), entende-se que as práticas de GC aplicadas a essas organizações auxiliariam suas ações nessa área.

Nesse contexto, o presente estudo, de natureza teórica, tem por objetivo discutir a aplicação de um modelo conceitual para a GCC produzido no contexto universitário, elaborado a partir de um modelo de GC encontrado na literatura. Devido a nuances desse processo, compreende-se que esse modelo poderia ser gerenciado por um comitê gestor multidisciplinar, capitaneado pelas bibliotecas universitárias das instituições de ensino, em razão das competências e do *know-how* dos profissionais da informação, na matéria.

## GESTÃO DO CONHECIMENTO

O conhecimento tem sido objeto de reflexão e de estudo em várias áreas do conhecimento, desde a Antiguidade, e elemento-chave nas grandes transformações enfrentadas pela humanidade. Na Sociedade da Informação e do Conhecimento, momento atual, a memória social passa por nova mudança quantitativa e qualitativa. Com os avanços na tecnologia da informação e das comunicações e a sua utilização para o processamento, o armazenamento e a difusão de dados e informações, os limites da memória social foram expandidos e tornaram-se mais dinâmicos (TOFFLER 1999).

Os estudos sobre GC iniciaram-se no despontar da década de 90, motivados a partir da percepção de muitas organizações, que passaram a perceber o quanto de conhecimento organizacional haviam perdido com a implementação de processos de reengenharia, *downsizing* e terceirização. Segundo Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001), os assuntos referentes ao conhecimento tendem a tornar-se atribuição das áreas de recursos humanos, de tecnologia da informação (TI) ou de P&D&I no âmbito corporativo; por vezes, são apenas parte de programas de GC.

O conhecimento organizacional, formado pelo conjunto de conhecimentos individuais, presentes na organização, é que torna possível o alcance da missão corporativa. Várias são as atividades corporativas em que estão presentes processos de GC, tais como: construção de bancos de dados, de *intranets*, de redes virtuais; compartilhamento de melhores práticas; treinamentos; criação de bibliotecas corporativas. Já os principais procedimentos utilizados para a GC são: formação de comunidades de prática, elaboração do catálogo de páginas amarelas, criação de pontos de encontros eletrônicos para perguntas e respostas, mapeamento das melhores práticas, dentre outros.

Para iniciar um processo de GC, a organização precisa ter claro qual o saber que detém, qual o de que necessita para atingir os seus objetivos e qual o saber relevante que deve ser gerenciado. Isso significa que as ações que visam à GC têm como objetivo elevar o desempenho organizacional. “O conhecimento é um recurso que pode e deve ser gerenciado em prol da melhora da performance da empresa” (FLEURY 2001, p. 100), cabendo à organização encontrar a melhor forma de fazê-lo.

Segundo Angeloni (2002, p. 16), “a gestão do conhecimento organizacional é um conjunto de processos que governa a criação, a disseminação e a utilização

de conhecimentos no âmbito das organizações”. Complementar a esse conceito, temos que a “gestão do conhecimento corresponde a uma prática gerencial que se reporta aos elementos cognitivos (explícitos e tácitos) acumulados no passado [...], buscando resgatá-los e compartilhá-los, visando à reelaboração do conhecimento, no presente” (PAIVA 2005, p. 115). Nessa mesma linha, podemos afirmar que a GC “consiste na integração de processos simultâneos desde a criação ao uso pleno do conhecimento viabilizado pela cultura de aprendizado e de compartilhamento, no ambiente das organizações” (DUARTE 2003, p. 283).

Segundo Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001), para incentivar a criação, o compartilhamento e a utilização do conhecimento, faz-se necessária a existência de um contexto capacitante, ou seja, um espaço físico, virtual ou mental, onde seja construída uma rede de interações fundada na confiança e na solicitude entre as pessoas da organização. É importante, pois, que a organização crie mecanismos que facilitem os processos do conhecimento entre o maior número de indivíduos, para evitar que a saída voluntária (ou não) de um dos seus membros possa comprometer a continuação das atividades corporativas. Algumas formas de conhecimento são mais facilmente capturadas pelas organizações, outras exigem intercâmbios mais intensos entre os indivíduos.

Nesse sentido, Nonaka e Takeuchi (1997) desenvolveram a teoria da criação do conhecimento, baseando-se na classificação do conhecimento humano como explícito e tácito, definida por Michael Polanyi (1966). O conhecimento explícito é aquele que pode ser expresso em linguagem formal e, assim, ser transmitido de maneira mais fácil entre as pessoas. Esse conhecimento pode ser armazenado de várias formas, em relatórios, manuais, documentos, audiovisuais, CD-ROMs, dentre outros. O conhecimento tácito é mais difícil de ser formatado e expresso em linguagem formal sendo, portanto, de difícil transmissão. Corresponde ao conhecimento pessoal, à experiência individual e envolve elementos subjetivos, tais como crenças, valores, intuições.

Essas premissas acerca da GC podem ser transportadas para o contexto universitário. Nesse ambiente, o conhecimento científico deve receber uma atenção diferenciada, uma vez que se confunde com a própria razão de ser da academia, por isso a sua geração, o seu compartilhamento e a sua aplicação devem receber um tratamento compatível com a sua importância para a consolidação intelectual e científica da instituição.

## A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA VISTA COMO UMA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Na sociedade atual, as unidades de informação apresentam-se como importantes fontes organizadoras e aglutinadoras de informação. Dentre as unidades existentes, destaca-se a Universidade, como uma organização que promove a formação para a vida e para o mercado de trabalho e, em sua ambiência, destacam-se as Bibliotecas Universitárias como um espaço democratizador do acesso e do uso dessas informações. Ambas, caracterizando-se como organizações centradas no conhecimento.

Na universidade, bem como na biblioteca universitária, a contribuição para geração de conhecimento é uma de suas funções, proporcionando uma educação centrada no aprendizado (CUNHA 2000). Ao buscarem um desempenho eficaz, através da geração, preservação e disseminação do conhecimento, a universidade e a biblioteca voltam-se para as necessidades educacionais, culturais, científicas e tecnológicas do país, esperando que a sociedade agregue valor às informações, compartilhe idéias e produza novos conhecimentos.

A biblioteca universitária é vista como suporte ao processo de ensino-aprendizagem, proporcionando a informação organizada e a geração de novos conhecimentos, devendo ser “a concretização mais imediata de uma das características da instituição à qual serve: a atualização permanente do conhecimento” (MILANESI 1983, p. 69). A biblioteca universitária é entendida, portanto, como uma organização do conhecimento que reúne informações e conhecimentos, disponibilizando-os para acesso e uso, possibilitando a agregação de valor e a geração de novos conhecimentos (DUDZIAK; VILLELA; GABRIEL 2002).

As práticas de GC aplicadas nas organizações do conhecimento podem proporcionar o aumento do acesso à informação e ao conhecimento, facilitando a sua criação e fluxo. As bibliotecas universitárias, especificamente, têm como benefícios, de acordo com Dudziak, Villela e Gabriel (2002), os seguintes fatores, entre outros: construção de uma base documentada que ampara os processos decisórios em seu interior; melhoria da comunicação entre todos os seus setores, de modo que as informações e o conhecimento possam fluir; disponibilização integrada de dados, informações e conhecimentos importantes ao ambiente e funcionamento interno e a busca constante pela satisfação de seus clientes; compartilhamento de experiências entre todos os membros das equipes bibliotecárias, porquanto

conhecer o outro fortalece as relações interpessoais, proporcionando a valorização do trabalho, a facilidade de compartilhamento de conhecimentos e a troca de experiências entre as bibliotecas (*benchmarking*), o que leva a um maior aprendizado.

De acordo com Choo (2003), as principais atividades de uma organização do conhecimento são os processos de criação de significado, a construção do conhecimento e a tomada de decisões. “Começa com uma análise de como a criação de significado, isolando experiências e interpretando situações, orienta a dinâmica do conhecimento e da adaptação da organização” (CHOO 2003, p. 351).

Nessa perspectiva, para que as bibliotecas universitárias sejam chamadas de organizações do conhecimento, precisam, segundo Ramos (1999), ser responsáveis por parte importante da infra-estrutura de formação crítica na instituição, proporcionando qualidade, produtividade e competitividade, através do uso de suas informações. Por sua vez, o bibliotecário – profissional da informação – atua não só como mediador entre a informação e o usuário, mas também como comunicador da informação e gestor do conhecimento, no momento em que é reconhecido como o profissional que analisa conteúdos e possibilita a sua efetiva recuperação. Deve, portanto, ser (re)conhecido como aquele capacitado para atuar como gestor do conhecimento em unidades de informação.

Esses profissionais trabalham com o ciclo de vida da informação e com o processo do conhecimento. Este último, para Despres e Chauvel (2004), acontece por meio das funções de mapear, adquirir/capturar/criar, empacotar, armazenar, aplicar/compartilhar/transferir, inovar/evoluir/transformar. Estão capacitados, entre outras coisas, para trabalhar eficiente e eficazmente com a informação em organizações e unidades de informação (CRUZ; LONGO 2001).

Segundo McGee e Prusak (1994), os bibliotecários estão entre os poucos profissionais de uma organização que têm contato com pessoas de vários departamentos. Assim, eles acabam entendendo diversas necessidades de informação e de conhecimento da organização. Como uma de suas tarefas básicas é o atendimento aos clientes e conhecem técnicas altamente desenvolvidas para encontrar aquilo que eles ainda não sabem, esses fatores os fazem corretores naturais do conhecimento.

Algumas funções de quem trabalha com a GC são estritamente técnicas, como escrever textos para páginas na Internet, estruturar e reestruturar bancos de dados que sejam repositórios do conhecimento, instalar e manter pacotes de *software* orientados para o conhecimento. A tecnologia pura não basta. É importante colocar forte ênfase no aspecto de como tornar o conteúdo do conhecimento atraente e como persuadir os detentores do conhecimento (McGEE; PRUSAK, 1994).

Numa perspectiva inovadora, no âmbito da economia política dos mercados do conhecimento, existem atores, como: compradores do conhecimento – geralmente pessoas que estão tentando resolver algum problema cuja complexidade e incerteza não permitem uma resposta fácil – vendedores do conhecimento – como pessoas da organização que têm reputação no mercado interno por deterem substancial conhecimento de um determinado processo ou assunto – e corretores do conhecimento – pessoas conhecidas como guardiãs e demarcadores de área, que colocam em contato compradores e vendedores: aqueles que precisam do conhecimento e aqueles que o possuem (DAVENPORT; PRUSAK 1998).

Como exemplo, McGee e Prusak (1994) apontam que, enquanto sujeitos que atuam na Sociedade da Informação e do Conhecimento, “os bibliotecários freqüentemente agem como corretores do conhecimento, disfarçados e apropriados por seu temperamento e seu papel de guia de informações, para a tarefa de criar contatos pessoa-pessoa e pessoa-texto”. Eles gostam de explorar suas organizações, descobrir o que as pessoas fazem e quem sabe o quê; gostam de entender o quadro maior, o que lhes permite saber onde obter o conhecimento, especialmente se tal conhecimento estiver fora de sua área oficial de responsabilidade.

O bibliotecário, assim como outros profissionais que lidam com a informação (administradores, contadores, comunicólogos, técnicos em informática, etc.), possuem os requisitos necessários para atuar como gestores do conhecimento, por disporem das seguintes habilidades e competências: trabalhar com o ciclo de vida da informação (NEVES; LONGO 1999-2000); administrar a quantidade imensurável de dados disponíveis e transformá-los em informações relevantes, para que possam ser usadas para a produção de conhecimento novo (SANTOS; MANTA 2002); analisar a informação (qualidade, atualidade, precisão, relevância e valor) (McGEE; PRUSAK 1994) e ajudar a encontrar, dentro das organizações, quem possa ajudar o usuário quando ele precisar pesquisar alguma informação (McGEE; PRUSAK 1994).

### A GESTÃO DO CONHECIMENTO APLICADA À PRODUÇÃO CIENTÍFICA: UMA PROPOSTA DE AÇÃO

Os principais movimentos de mudanças vivenciados pela sociedade, até se chegar à revolução informacional e tecnológica, culminaram com uma produção volumosa de conhecimentos decorrentes de pesquisas. A “pesquisa é uma atividade humana, honesta, cujo propósito é descobrir respostas para as indagações ou questões significativas que são propostas” (TRUJILLO FERRARI 1982, p. 167).

Se considerarmos que a ciência é construída com o acesso ao conhecimento gerado por diferentes indivíduos e que, somente por esse motivo, foi possível à humanidade avançar tanto, podemos entender a importância de ações que deem suporte às organizações que produzem conhecimento.

Em relação à produção científica, Lourenço (1997) a considera como toda produção sobre um determinado assunto de interesse de uma comunidade específica, que contribui para o desenvolvimento da ciência e para a abertura de novos horizontes de pesquisa. É por intermédio dela que surge uma base de dados científicos que solidificam um determinado conhecimento ou saber, permitindo o seu avanço.

A evolução da ciência, portanto, perpassa pela produção científica e pela difusão do conhecimento, que parece ser consolidada a partir de estudos e análises dos suportes documentais que veiculam as pesquisas em cada área. A ciência possui caráter evolutivo e mutável, o que faz da pesquisa científica o seu instrumento básico. E, uma vez realizada, essa pesquisa precisa ser comunicada para que as informações possam disseminar o conhecimento (LE COADIC 2004).

Para isso, o sistema de comunicação científica demanda mecanismos que garantam a realização efetiva dos processos de produção, disseminação e uso do conhecimento científico, que são, também, processos da GC.

A produção científica, no Brasil, está ligada às universidades e aos centros de pesquisa, que reconhecem a importância da sua realização, pois é por meio dela que se consolida o saber. Witter (1999) afirma que essas organizações procuram desempenhar o seu papel junto à sociedade, buscando o bem-estar e melhorando a qualidade de vida dos cidadãos. A autora entende que a atividade de pesquisa está ligada à Sociedade do Conhecimento quando divulgada e consumida pelo sistema social, e para cumprir seu papel na evolução do conhecimento, da ciência

e da sociedade, a produção científica deve ser publicada e devidamente comunicada, permitindo que se estabeleça a interação entre o consumidor e a própria pesquisa.

Nesse contexto, a ausência de um processo de gerenciamento aplicado à produção científica, no âmbito das universidades, dificulta a obtenção de dados e informações em tempo real, promovendo um sistema de comunicação científica ineficiente na realização dos processos de produção, disseminação e uso do conhecimento científico no ambiente interno das universidades.

Assim, compreende-se que práticas e processos da GC podem auxiliar a gestão universitária nessa questão, tendo como principal interlocutor as bibliotecas universitárias. Considerando-se que a temática central da GC demonstra ser o aproveitamento dos recursos intelectuais que já existem nas organizações para que as pessoas procurem, encontrem e empreguem as melhores práticas em vez de tentar reinventar o que já existe, entende-se que os elementos que compõem a GC podem e devem ser aplicados à GCC, cuja dinâmica, para ser compreendida, requer que se tenha em mente que o conhecimento pode ser categorizado em explícito e tácito (NONAKA; TAKEUCHI 1997). Usando essa classificação do conhecimento, tem-se que a parte explícita do conhecimento científico é representada, principalmente, pela produção científica veiculada, e a parte tácita corresponde ao conhecimento individual e às experiências acumuladas de cada pesquisador, técnico ou especialista da organização.

Como alternativas para a construção de uma organização do conhecimento, têm surgido na literatura vários modelos de gestão imbuídos desse propósito. Inúmeros são os subsídios teóricos empregados na construção desses modelos, dentre os quais se destacam os de Davenport e Prusak (1998), Nonaka e Takeuchi (1997), Stewart (1998) e Sveiby (1998).

Em geral, os modelos coincidem num ponto: monitorar e gerenciar a informação e o conhecimento é uma tarefa essencial para todas as organizações desejosas de se adaptarem ao panorama atual. Entre os modelos propostos, destacamos o desenvolvido por Terra (2001), abrangendo as seguintes dimensões da prática gerencial: fatores estratégicos e papel da alta administração, cultura e valores organizacionais, estrutura organizacional, administração de recursos humanos, sistemas de informação, mensuração de resultados e aprendizado com o ambiente. A partir desses elementos, propõe-se um modelo conceitual desenvolvido para a GCC, no contexto acadêmico, conforme apresentado na Figura 1, a seguir.



FIGURA 1  
GESTÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: PROCESSOS E ESTRATÉGIAS  
FONTE: PAIVA E DUARTE (2006)

O modelo acima, segundo Paiva e Duarte (2006), está ancorado em dois pontos. Primeiro, considerando-se as semelhanças entre os processos da GC e do sistema de comunicação científica – geração/produção, compartilhamento/disseminação, aplicação/uso. Segundo, a partir da compreensão da necessidade de um conjunto de elementos organizacionais de apoio a esses processos. Nesse caso, adotam-se as dimensões do modelo conceitual de GC desenvolvido por Terra (2001) com as adaptações ao fim proposto.

No ambiente acadêmico, o conhecimento científico – explícito e tácito – deve fazer parte da **visão estratégica** institucional e assim receber a devida prioridade na gestão universitária. Para tanto, é necessário constar, de modo claro, na missão e nos objetivos da instituição. Difundir e valorizar uma **cultura organizacional** baseada na inovação e no aprendizado é fundamental, a fim de criar um contexto favorável à geração, ao compartilhamento e à aplicação do conhecimento científico.

A **estrutura organizacional** também deve favorecer o processo de comunicação – interno e externo –, as parcerias e o relacionamento entre os pares. Portanto,

deve-se adotar uma estrutura orgânica, que facilite a integração entre as unidades, os projetos e as pessoas. Também, a **gestão de pessoas** deve estar atrelada à aquisição, manutenção e ao desenvolvimento de talentos, visando a fortalecer as competências organizacionais, agregar novos conhecimentos e promover o aprendizado contínuo.

O aspecto tecnológico também é fundamental na GCC, uma vez que é a **tecnologia da informação** que disponibiliza as ferramentas facilitadoras da geração, do armazenamento e do compartilhamento de informações e de conhecimentos científicos. Quanto à **avaliação dos processos de conhecimento**, numa perspectiva de GC, essa prática levará as organizações aos ajustes que favoreçam ao aprendizado, à inovação e à geração de novos conhecimentos científicos. O mundo acadêmico também é propício à **aprendizagem** com o ambiente – interno e externo –, posto que são intensivos os relacionamentos intelectuais, técnicos e acadêmicos entre os pares.

Assim, intui-se que, para que uma GCC seja bem sucedida, é necessário monitorar todas essas dimensões que proporcionam a base para a construção do conhecimento científico. O processo de implantação da GCC deve observar várias etapas, desde a constatação da necessidade e da importância de se adotar uma nova metodologia para lidar com essa modalidade de conhecimento até a definição das funcionalidades esperadas das novas práticas, passando pela avaliação da infra-estrutura da tecnologia da informação existente. A mudança pode ocorrer de modo gradativo ou radical, o importante é que represente um salto qualitativo na gestão da produção científica universitária e nos aspectos acadêmicos.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sempre esteve presente no contexto organizacional. Todavia, só recentemente é que passou a ser visto como um recurso gerenciável. Diante das evidências, não cabe mais às organizações, de qualquer natureza, desconhecem ou subestimarem o bem valioso que possuem, representado pelo conhecimento. Porém, é necessário que esse conhecimento seja continuamente criado, atualizado e compartilhado, num processo dinâmico e contínuo, o que depende de processos articulados, de tecnologia adequada e de pessoas capacitadas.

Neste estudo, a preocupação esteve centrada na discussão acerca de uma metodologia para a GCC, produzido pelos membros da instituição universitária. Essa modalidade de conhecimento se diferencia das demais pela sua contribuição para a evolução

da ciência e da sociedade. Portanto, entende-se que esse é um processo essencial nas organizações universitárias, cujo conhecimento científico acumulado constitui o seu principal patrimônio.

O modelo conceitual em apreço apresenta dimensões que se consideram relevantes para nortear a GCC. Contudo, não são exclusivas, devendo-se observar, por meio de análises, as características e especificidades de cada realidade que se apresenta. Adotar as premissas da GC na GCC não é um processo simples, posto que, além dos aspectos operacionais envolvidos, requer uma mudança de postura na forma de compreender a produção científica organizacional em sua totalidade.

Devido à complexidade que a matéria envolve, é recomendável a criação de um comitê gestor vinculado à Biblioteca universitária, responsável por gerenciar esse processo em nível macro, contando com uma equipe multidisciplinar, formada por profissionais da informação. As ações assim empreendidas devem promover o compartilhamento do conhecimento científico e contribuir para uma nova dinâmica nos processos de produção do conhecimento científico no ambiente universitário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELONI, M. T. (Coord.) – *Organizações do conhecimento: infra-estrutura, pessoas e tecnologia*. São Paulo: Saraiva, 2002.

CHOO, C. W. – “A organização do conhecimento I – teoria e processo”. In CHOO, C. W. – *A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003.

CRUZ, N. E. da; LONGO, R. M. J. – “Atuação do profissional da informação na gestão do conhecimento”. INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE MANAGEMENT, 2, 2001. *Anais...* Curitiba: PUCPR/CITS, 2001.

CUNHA, M. B. da – “Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010”. *Ciência da Informação*, 29:1 (Jan./Abr. 2000) 71-89.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. – *Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DESPRES, C.; CHAUVEL, D. – “Como mapear a gestão do conhecimento”. In DAVENPORT, T. H.; MARCHAND, D. A.; DICKSON, T. – *Dominando a gestão da informação*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

DUARTE, E. N. – *Análise da produção científica em gestão do conhecimento: estratégias metodológicas e estratégias organizacionais*. João Pessoa: 2003. Tese de Doutorado em Administração, Universidade Federal da Paraíba, 2003.

DUDZIAK, E. A.; VILLELA, M. C. O.; GABRIEL, M. A. – “Gestão do conhecimento em bibliotecas universitárias”. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11, Fortaleza, 2002. *Anais...* Fortaleza, 2002, (CD-ROM).

FLEURY, M. T. L. – “Aprendizagem e gestão do conhecimento”. In DUTRA, J. S. (Org.) – *Gestão por competências*. São Paulo: Gente, 2001. P. 95-107.

LE COADIC, Y. F. – *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LEITE, F. L.; COSTA, S. M. de S. – “Repositórios institucionais e a gestão do conhecimento científico”. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, 2005, Florianópolis. *Anais...* Brasília: ANCIB, 2005.

LOURENÇO, C. V. – “Automação em bibliotecas: análise da produção. Biblioinfo (1986-1994)”. In WITTER, G. P. (Org.) – *Produção científica*. Campinas: Alínea, 1997.

McGEE, J.; PRUSAK, L. – *Gerenciamento estratégico da informação*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

MILANESI, L. – *O que é biblioteca*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 94).

NEVES, E. da C.; LONGO, R. M. J. – “Atuação do profissional da informação na gestão do conhecimento”. *Revista Biblioteconomia*, 23/24:2 (1999/2000) 161-172.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. – *Criação de conhecimento na empresa*. 7.ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PAIVA, S. B. – *Uma abordagem gerencial do capital intelectual em uma organização baseada em conhecimento: o caso SEBRAE-PB*. João Pessoa: 2005. Tese de Doutorado em Administração, Universidade Federal da Paraíba, 2005.

PAIVA, S. B.; DUARTE, E. N. – “Da gestão do conhecimento organizacional à gestão do conhecimento científico: estratégias aplicáveis ao ambiente acadêmico”. *Conceitos*. João Pessoa: ADUFPB, 2006. Vol. 6, n. 13, p. 28-35.

RAMOS, M. E. M. – “Por uma política de qualidade nos serviços de informação em bibliotecas universitárias paraenses”. In RAMOS, M. E. M. – *Tecnologia e novas formas de gestão em bibliotecas universitárias*. Ponta Grossa: UEPG, 1999. P. 9-44.

SANTOS, A. R. dos; MANTA, L. D. – “O bibliotecário na sociedade da informação brasileira”. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Fortaleza, 2002. *Anais...* Fortaleza, 2002.

STEWART, T. A. – *Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SVEIBY, Karl E. – *A nova riqueza das organizações – gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TERRA, José C. Cláudio – “A criação de portais corporativos de conhecimento”. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GESTÃO DE CONHECIMENTO E GESTÃO DE DOCUMENTOS, Curitiba, 2001. *Anais...* Curitiba: PUC-PR/CITS, 2001.

TOFFLER, A. – *Criando uma nova civilização: a política da terceira vaga*. Lisboa: Livros do Brasil, 1999.

TRUJILLO FERRARI, Afonso – *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

VON KROGH, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. – *Facilitando a criação de conhecimento: Reinventando a empresa com o poder de inovação contínua*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WITTER, G. P. – *Leitura: textos e pesquisas*. Campinas, S.P.: Alínea, 1999.